

Pai, pinta o mundo no meu corpo.
(Canto indígena de Dakota do Sul)

Os espelhos estão cheios de gente.
Os invisíveis nos vêem.
Os esquecidos se lembram de nós.
Quando nos vemos, os vemos.
Quando nos vamos, se vão?

De desejo somos

A vida, sem nome, sem memória, estava sozinha. Tinha mãos, mas não tinha em quem tocar. Tinha boca, mas não tinha com quem falar. A vida era uma, e sendo uma era nenhuma.

Então o desejo disparou sua flecha. E a flecha do desejo partiu a vida pela metade, e a vida tornou-se duas.

As duas metades se encontraram e riram. Ao se ver, riam; e ao se tocar, também.

Caminhos de alta festa

Adão e Eva eram negros?

Na África começou a viagem humana pelo mundo. Dali nossos avós se lançaram à conquista do planeta; e os que mais se afastaram da África, os que mais se afastaram do sol, receberam os tons mais pálidos na divisão das cores.

Agora nós todos, as mulheres e os homens, arco-íris da terra, temos mais cores que o arco-íris do céu e somos todos africanos imigrados. Talvez nos neguemos a recordar nossa origem comum porque o racismo produz amnésia, ou porque acaba sendo impossí-

vel, para nós, acreditarmos que naqueles tempos remotos o mundo inteiro era nosso reino, imenso mapa sem fronteiras, e nossas pernas eram o único passaporte necessário.

O bagunceiro universal

Estavam separados, o céu e a terra, o bem e o mal, o nascimento e a morte. O dia e a noite não se confundiam e a mulher era mulher e o homem, homem.

Mas Exu, o bandido errante, se divertia, e ainda se diverte, armando misturas proibidas.

Suas diabruras apagam fronteiras e juntam o que os deuses haviam separado. Por sua obra e graça, o sol se torna negro e a noite arde, e dos poros dos homens brotam mulheres e as mulheres transpiram homens. Quem morre nasce, quem nasce morre, e em tudo que foi criado ou está por ser criado misturam-se o direito e o avesso, até que já não se sabe quem é o mandante nem quem é o mandado, nem onde está o em cima, nem onde está o embaixo.

Mais tarde que cedo, a ordem divina restabelece suas hierarquias e suas geografias, e põe cada coisa no lugar devido, e devolve a cada um o que é seu.

Mais cedo que tarde, reaparece a maluquice.

Então os deuses lamentam que o mundo seja tão ingovernável.

Cavernas

Estalactites descem do teto. Estalagmites crescem do chão.

São cristais frágeis, nascidos da transpiração da rocha, no fundo das cavernas que a água e o tempo escavaram nas montanhas.

As estalactites e as estalagmites estão há milhares de anos se procurando na escuridão, gota após gota, umas descendo, outras subindo.

Algumas vão demorar um milhão de anos até se tocarem.

Não têm pressa.

Fundação do fogo

Na escola, aprendi que no tempo das cavernas descobrimos o fogo esfregando pedras ou gravetos.

Desde então, venho tentando. Jamais consegui arrancar nem uma chispinha humilde.

Meu fracasso pessoal não me impediu de agradecer os favores que o fogo nos fez. Ele nos defendeu do frio e das feras inimigas, cozinhou nossa comida, alumiu nossa noite e nos convidou para sentarmos, juntos, ao seu lado.



Fundação da beleza

Lá estão, pintadas nas paredes e nos tetos das cavernas.

Essas figuras, bisontes, alces, ursos, cavalos, águias, mulheres, homens, não têm idade. Nasceram há milhares de milhares de anos, mas nascem de novo cada vez que alguém as vê.

Como puderam, nossos remotos avós, pintar de maneira tão delicada? Como puderam eles, aqueles brutamontes que lutavam mano a mano contra as feras, criar figuras tão cheias de graça? Como puderam eles desenhar essas linhas voadoras que escapam da pedra e vão-se embora pelos ares? Como eles puderam...? Ou seriam elas?

Verdores do Saara

Em Tassili e em outras comarcas do Saara, as pinturas rupestres nos oferecem, há uns seis mil anos, estilizadas imagens de vacas, touros, antílopes, girafas, rinocerontes, elefantes...

Seriam esses animais pura imaginação? Ou bebiam areia os habitantes do deserto? E o que comiam? Pedras?

A arte nos conta que o deserto não era deserto. Seus lagos pareciam mares e seus vales davam de pastar aos animais que tempos depois tiveram de emigrar para o sul, à procura do verdor perdido.

Como pudemos?

Ser boca ou bocado, caçador ou caçado. Essa era a questão.

Merecíamos é desprezo, no máximo pena. Na intempérie inimiga, ninguém nos respeitava e ninguém nos temia. A noite e a selva nos causavam terror. Éramos os bichos mais vulneráveis da zoologia terrestre, filhotes inúteis, adultos de nada, sem garras, nem grandes presas, nem patas velozes, nem olfato longo.

Nossa primeira história nos perde na neblina. Pelo que parece, estávamos dedicados a partir pedras e repartir porradas e nada mais.

Mas a gente até que pode se perguntar: Será que não fomos capazes de sobreviver, quando sobreviver era impossível, porque soubemos nos defender juntos e juntos compartilhar a comida? Esta humanidade de agora, esta civilização do salve-se quem puder e cada na sua, teria durado algo mais que um instantinho neste mundo?

Idades

Acontece com a gente antes de a gente nascer. Em nossos corpos, quando começam a ganhar forma, aparece alguma coisa parecida com as brânquias e também uma espécie de rabo. Duram pouco, esses apêndices, que aparecem e caem.

Essas efêmeras aparições nos contam que alguma vez fomos peixes e alguma vez fomos macacos? Peixes lançados à conquista da terra seca? Macacos que abandonaram a selva ou que foram por ela abandonados?

E o medo que sentimos na infância, medo de tudo, medo de nada, nos conta que alguma vez sentimos medo de ser comidos? O terror à escuridão e a angústia da solidão, nos recordam aquele antigo desamparo?

Já crescidinhos, nós, os medrosos, metemos medo. O caçado se fez caçador, o bocado agora é boca. Os monstros que ontem nos apossavam são, hoje, nossos prisioneiros. Habitam nossos zoológicos e decoram nossas bandeiras e nossos hinos.

Primos

Ham, o conquistador do espaço sideral, tinha sido caçado na África.

Foi o primeiro chimpanzé que viajou para longe do mundo – o primeiro chimponauta. Viajou dentro da cápsula Mercury. Tinha mais cabos e fios que uma central telefônica.

Regressou ao mundo são e salvo, e o registro de cada função do seu corpo demonstrou que também nós, os humanos, poderíamos sobreviver à travessia do espaço.

Ham foi capa da revista *Life* e passou o resto da sua vida numa jaula do zoológico de Washington.

Avós

Para muitos povos da África negra, os antepassados são os espíritos que estão vivos na árvore que cresce ao lado da sua casa ou na vaca que pasta no campo. O bisavô do seu tataravô é agora aquele arroio que serpenteia na montanha. E também seu ancestral pode ser qualquer espírito que queira acompanhar você na sua viagem pelo mundo, mesmo que nunca tenha sido seu parente, nem conhecido.

A família não tem fronteiras, explica Soboufu Somé, do povo dagara:

– Nossas crianças têm muitas mães e muitos pais. Têm tantos quantos quiserem.

E os espíritos ancestrais, os que nos ajudam a caminhar, são os muitos avós que cada um tem. Tantos quantos quisermos.

Breve história da civilização

E nos cansamos de andar vagando pelos bosques e pela beira dos rios.

E fomos ficando. Inventamos as aldeias e a vida em comunidade, transformamos o osso em agulha e o espinho em arpão, as ferramentas prolongaram nossas mãos e o cabo multiplicou a força do machado, do arado e da faca.

Cultivamos o arroz, a cevada, o trigo e o milho, e prendemos em currais as ovelhas e as cabras, e aprendemos a guardar grãos nos armazéns, para não morrer de fome nos tempos ruins.

E nos campos lavrados fomos devotos das deusas da fecundidade, mulheres de vastas cadeiras e tetas generosas, mas com o passar do tempo elas foram trocadas pelos deuses machos da guerra. E cantamos hinos de louvor à glória dos reis, dos chefes guerreiros e dos sumos sacerdotes.

E descobrimos as palavras *meu* e *seu* e a terra passou a ter dono e a mulher foi propriedade do homem e o pai, proprietário dos filhos.

Lá para trás ficaram os tempos em que andávamos à deriva, sem casa nem destino.

Os resultados da civilização eram surpreendentes: nossa vida era mais segura e menos livre, e trabalhávamos mais horas.

Fundação da contaminação

Os pigmeus, que são de corpo curto e memória longa, recordam os tempos de antes do tempo, quando a terra estava em cima do céu.

Da terra caía sobre o céu uma chuva incessante de pó e de lixo, que sujava a casa dos deuses e envenenava sua comida.

Os deuses estavam há uma eternidade suportando aquela carga imunda, quando de repente perderam a paciência.

Enviaram um raio que partiu a terra em dois. E através da terra aberta lançaram o sol para o alto, e a lua e as estrelas, e por esse mesmo caminho eles também subiram. E lá em cima, longe de nós, a salvo de nós, os deuses fundaram seu novo reino.

Desde aquela época, estamos cá embaixo.

Fundação das classes sociais

Nos primeiros tempos, tempos da fome, a primeira mulher estava cavando a terra quando os raios do sol a penetraram por trás. Um instante depois, nasceu uma criatura.

O deus Pachacamac não achou a menor graça naquela gentileza do sol, e despedaçou o recém-nascido. Do mortinho brotaram as

primeiras plantas. Os dentes se transformaram em grãos de milho, os ossos foram aipim, a carne se fez batata, inhame, abóbora...

A fúria do sol não se fez esperar. Seus raios fulminaram a costa do Peru e a deixaram seca para sempre. E a vingança culminou quando o sol partiu três ovos sobre aqueles solos.

Do ovo de ouro saíram os senhores.

Do ovo de prata saíram as senhoras dos senhores.

E do ovo de cobre saíram os que trabalham.

Servos e senhores

O cacau não precisa do sol, porque o traz por dentro.

Do sol de dentro nascem o prazer e a euforia que o chocolate dá.

Os deuses tinham o monopólio do espesso elixir, lá nas alturas, e nós, os humanos, estávamos condenados a ignorá-lo.

Quetzalcóatl roubou-o para os toltecas. Enquanto os outros deuses dormiam, ele pegou umas sementes de cacau e as escondeu em sua barba e por um longo fio de aranha desceu até a terra e as deu de presente à cidade de Tula.

A oferenda de Quetzalcóatl foi usurpada pelos príncipes, pelos sacerdotes e pelos chefes guerreiros.

Apenas os seus paladares foram dignos de recebê-la.

Os deuses do céu tinham proibido o chocolate aos mortais, e os donos da terra o proibiram para as pessoas comuns e correntes.



Dominantes e dominados

Diz a Bíblia de Jerusalém que Israel foi o povo que Deus escolheu, o povo filho de Deus.

E de acordo com o salmo segundo, a esse povo eleito foi outorgado o domínio do mundo:

*Peça-me, e te darei em herança as nações
e serás dono dos confins da terra.*

Mas o povo de Israel dava muitos desgostos, por ser ingrato e por ser pecador. E segundo as más línguas, após muitas ameaças, maldições e castigos, Deus perdeu a paciência.

Desde então, outros povos se atribuíram o presente.

No ano de 1900, o senador Albert Beveridge revelou:

– *Deus escolheu o povo dos Estados Unidos para iniciar a regeneração do mundo.*

Fundação da divisão do trabalho

Dizem que foi o rei Manu quem outorgou prestígio divino às castas da Índia.

De sua boca brotaram os sacerdotes. De seus braços, os reis e os guerreiros. De suas coxas, os comerciantes. De seus pés, os servos e os artesãos.

E a partir de então construiu-se a pirâmide social, que na Índia tem mais de três mil andares.

Cada um nasce onde deve nascer, para fazer o que deve fazer. Em seu berço está a sua tumba, sua origem é o seu destino: sua vida é a recompensa ou o castigo que merecem suas vidas anteriores, e a herança determina seu lugar e sua função.

O rei Manu aconselhava a corrigir o mau comportamento: *Se uma pessoa de casta inferior escuta os versos dos livros sagrados, há que derramar chumbo derretido em seus ouvidos; e se os recita, há que cortar a sua língua.* Estas pedagogias já não são aplicadas, mas até hoje quem sai de seu lugar, no amor, no trabalho ou no que seja, corre o risco de enfrentar escarmentos públicos que poderiam matá-lo ou deixá-lo mais morto que vivo.

Os sem-casta, um de cada cinco hindus, estão abaixo do mais baixo. São chamados de *intocáveis*, porque contaminam: malditos entre os malditos, não podem falar com os demais, nem caminhar seus caminhos, nem tocar seus copos ou seus pratos. A lei os protege, a realidade os expulsa. Qualquer um os humilha e qualquer um as viola, e é assim que as intocáveis acabam sendo tocáveis.

No final do ano de 2004, quando o tsunami atacou a Índia, os intocáveis se ocuparam recolhendo o lixo e os mortos.

Como sempre.